

# **Santificação do trabalho e cristianização da sociedade**

Este editorial sobre o trabalho explora a mensagem principal de São Josemaria: que a própria tarefa bem feita e oferecida ao Senhor é meio para se aproximar de Deus e cristianizar a sociedade.

07/08/2017

As luzes e sombras da época em que vivemos estão patentes aos olhos de

todos. O desenvolvimento humano e as pragas que o infectam, o progresso civil em muitos aspectos e a barbárie em outros: são contrastes que tanto João Paulo II como seus sucessores indicaram várias vezes<sup>[1]</sup>, animando os cristãos a iluminar a sociedade com a luz do Evangelho.

Entretanto, mesmo que todos estejamos chamados a transformar a sociedade segundo o querer de Deus, muitos não sabem como o fazer. Pensam que essa tarefa depende quase exclusivamente daqueles que governam ou têm capacidade de influir por sua posição social ou econômica e que eles só podem fazer o papel de espectadores: aplaudir ou assobiar, mas sem entrar no terreno do jogo, sem intervir na partida.

Essa não há de ser a atitude do cristão, porque não corresponde à realidade da vocação a qual está chamado. ***O Senhor quer que***

*sejamos nós, os cristãos – porque temos a responsabilidade sobrenatural de cooperar com o poder de Deus, já que Ele assim o dispôs em sua misericórdia infinita –, aqueles que procuremos restabelecer a ordem decaída e devolver às estruturas temporais, em todas as nações, sua função natural de instrumento para o progresso da humanidade, e sua função sobrenatural de meio para chegar a Deus, para a Redenção<sup>[2]</sup>.*

Não somos espectadores. Pelo contrário, é missão específica dos leigos santificar o mundo “desde dentro”<sup>[3]</sup>: *orientar com sentido cristão as profissões, as instituições e as estruturas humanas*<sup>[4]</sup>. Como ensina o Concílio Vaticano II, os leigos hão de “iluminar e ordenar de tal modo as realidades temporais, a que estão estreitamente ligados, que elas sejam sempre feitas segundo Cristo e

progridam e glorifiquem o Criador e Redentor”<sup>[5]</sup>. Em uma palavra:

***cristianizar o mundo inteiro a partir de dentro, mostrando que Jesus Cristo redimiu toda a humanidade – essa é a missão do cristão***<sup>[6]</sup>.

E, para isso, nós os cristãos temos o poder necessário, ainda que não tenhamos poder humano. Nossa força é a oração e as obras convertidas em oração. ***A oração é a arma mais poderosa do cristão. A oração nos torna eficazes. A oração nos torna felizes. A oração nos dá toda a força necessária para cumprirmos os preceitos de Deus***<sup>[7]</sup>.

Concretamente, a arma específica que a maioria dos cristãos possui para transformar a sociedade é o trabalho convertido em oração. Não simplesmente o trabalho, mas o trabalho santificado.

Deus o fez compreender a São Josemaria em um momento preciso, no dia 7 de agosto de 1931, durante a Santa Missa. Ao chegar a elevação, vieram à sua alma com força extraordinária as palavras de Jesus: **quando eu for levantado da terra, atrairei todos a mim<sup>[8]</sup>. Entendi-o perfeitamente. O Senhor nos dizia: se vós me colocares na entranya de todas as atividades da terra, cumprindo o dever de cada momento, sendo meu testemunho no que parece grande e no que parece pequeno..., então omnia traham ad meipsum! Meu reino entre vós será uma realidade!**<sup>[9]</sup>

### ***Cristianizar a sociedade***

Deus confiou ao homem a tarefa de edificar a sociedade ao serviço de seu bem temporal e eterno, de acordo com sua dignidade<sup>[10]</sup>: uma sociedade na qual as leis, os costumes e as instituições que a conformam e

estruturam, favoreçam o bem integral das pessoas com todas as suas exigências; uma sociedade na qual cada um se aperfeiçoe buscando o bem dos outros, já que o homem “não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo”<sup>[11]</sup>.

Entretanto, tudo se desencaminhou por causa do pecado do primeiro homem e da sucessiva proliferação dos pecados que – como ensina o *Catecismo da Igreja Católica* – fazem “reinar entre eles a concupiscência, a violência e a injustiça. Os pecados provocam situações sociais e instituições contrárias à Bondade divina; as ‘estruturas de pecado’ são expressão e efeito dos pecados pessoais”<sup>[12]</sup>.

O Filho de Deus feito homem, Jesus Cristo nosso Senhor, veio ao mundo para nos redimir do pecado e das suas consequências. Cristianizar a

sociedade consiste em libertá-la dessas consequências que o Catecismo resume com as palavras que acabamos de ler. É, por um lado, libertá-la das *estruturas de pecado* – por exemplo, das leis civis e dos costumes contrários à lei moral –, e por outro, mais profundamente, procurar que as relações humanas sejam presididas pelo amor de Cristo, e não viciadas pelo egoísmo da *concupiscência, a violência e a injustiça*. ***Esta é a tua tarefa de cidadão: contribuir para que o amor e a liberdade de Cristo presidam a todas as manifestações da vida moderna – a cultura e a economia, o trabalho e o descanso, a vida de família e o convívio social***<sup>[13]</sup>.

Cristianizar a sociedade não é impor a ninguém a fé verdadeira. Precisamente o espírito cristão exige o respeito do direito à liberdade social e civil em matéria religiosa, de

modo que não se deve impedir a ninguém de praticar a sua religião, segundo sua consciência, mesmo quando estiver no erro, sempre que respeite as exigências da ordem pública, da paz e da moralidade pública, que o Estado tem obrigação de tutelar<sup>[14]</sup>. Àqueles que estão no erro deve-se procurar que conheçam a verdade, que só se encontra plenamente na fé católica, ensinando-lhes e convencendo-lhes com o exemplo e com a palavra, mas nunca com a coação. O ato de fé só pode ser autêntico se for livre.

Mas quando um cristão procura que a lei civil promova o respeito da vida humana desde o momento da concepção, a estabilidade da família por meio do reconhecimento da indissolubilidade do matrimônio, os direitos dos pais na educação dos filhos tanto em escolas públicas quanto em privadas, a verdade na informação, a moralidade pública, a

justiça nas relações trabalhistas, etc., não está pretendendo impor a sua fé aos outros, mas cumprindo com seu dever de cidadão e contribuindo para edificar, no que é possível para ele, uma sociedade melhor, conforme a dignidade da pessoa humana.

Certamente, o cristão, graças à Revelação divina, possui uma especial certeza sobre a importância que esses princípios e verdades possuem para edificar uma sociedade mais justa; mas esses estão ao alcance da razão humana e, por isso, qualquer pessoa, independentemente da sua fé, pode apreciar o valor e importância que esses princípios têm para a vida social.

***Esforça-te para que as instituições e as estruturas humanas, em que trabalhas e atuas com pleno direito de cidadão, se conformem com os princípios que regem uma concepção cristã da vida. Assim,***

*não duvides, asseguras aos homens os meios para viverem de acordo com a sua dignidade, e facilitarás a muitas almas que, com a graça de Deus, possam responder pessoalmente à vocação cristã*<sup>[15]</sup>. Trata-se de “sanear as estruturas e condições do mundo (...) de tal modo que todas se conformem às normas da justiça e antes ajudem ao exercício das virtudes do que o estorvem”<sup>[16]</sup>. A fé cristã faz sentir profundamente a aspiração, própria de todo cidadão, de buscar o bem comum da sociedade. Um bem comum que não se reduz ao desenvolvimento econômico, ainda que certamente o inclua. São também, e antes – em sentido qualitativo, nem sempre no de urgência temporal –, as melhores condições possíveis de liberdade, de justiça, de vida moral, em todos os seus aspectos, e de paz, que correspondem à dignidade da pessoa humana.

Quando um cristão faz o possível para configurar deste modo a sociedade em virtude de sua fé, não em nome de uma ideologia opinável de partido político, atua como *atuaram os primeiros cristãos. Não tinham, por razão de sua vocação sobrenatural, programas sociais nem humanos a cumprir; mas estavam penetrados de um espírito, de uma concepção da vida e do mundo, que não podia deixar de ter consequências na sociedade em que viviam*<sup>[17]</sup>. A tarefa apostólica, que Cristo confiou a todos os seus discípulos, produz, portanto, resultados concretos na esfera social. Não é admissível pensar que, para sermos cristãos, seja preciso voltarmos as costas ao mundo, sermos uns derrotistas da natureza humana

<sup>[18]</sup>.

É necessário procurar limpar as estruturas da sociedade para

impregná-las de espírito cristão, mas não é suficiente. Mesmo que pareça uma meta muito alta, não deixa de ser uma exigência básica. Faz falta muito mais: procurar sobretudo que as pessoas sejam cristãs, que cada um irradie ao seu redor, em sua conduta diária, a luz e o amor de Cristo, o bom odor de Cristo<sup>[19]</sup>. O fim não é que as estruturas estejam sãs, mas que as pessoas sejam santas. Seria tão errado despreocupar-se de que as leis e os costumes da sociedade fossem conformes ao espírito cristão, como conformar-se só com isso. Porque além disso, neste mesmo momento, as mesmas estruturas sãs correriam perigo novamente. É preciso sempre estar recomeçando. “Não haverá humanidade nova, se não houver em primeiro lugar homens novos, pela novidade do batismo e da vida segundo o Evangelho”<sup>[20]</sup>.

***Por meio do trabalho***

*De que tu e eu nos portemos como Deus quer – não o esqueças – dependem muitas coisas*

*grandes*<sup>[21]</sup>. Se queremos cristianizar a sociedade, o primeiro é a santidade pessoal, nossa união com Deus. *Cada um de nós tem que ser alter Christus, ipse Christus, outro Cristo, o próprio Cristo. Só assim poderemos empreender essa tarefa grande, imensa, interminável: santificar por dentro todas as estruturas temporais, levando até elas o fermento da Redenção*<sup>[22]</sup>. É

necessário que não percamos o sal, a luz e o fogo que Deus pôs dentro de nós para transformar o ambiente que nos rodeia. O Papa São João Paulo II destacou que “é uma tarefa que exige coragem e paciência”<sup>[23]</sup>: coragem porque não se há de ter medo de chocar com o ambiente quando é necessário; e paciência, porque mudar a sociedade desde dentro requer tempo, e, entretanto, não

podemos nos acostumar à presença do mal cristalizado na sociedade, porque se acostumar a uma doença mortal é o mesmo que sucumbir a ela. O cristão deve estar sempre disposto a santificar a sociedade a partir de dentro, permanecendo plenamente no mundo, mas sem ser do mundo naquilo que o mundo encerra – não por ser característica real, mas por defeito voluntário, pelo pecado – de negação de Deus, de oposição à sua amável vontade salvífica<sup>[24]</sup>.

Deus quer que infundamos espírito cristão à sociedade através da santificação do trabalho profissional, já que *pelo trabalho, o cristão submete a criação (cfr. Gn 1,28) e a ordena a Cristo Jesus, centro no qual estão destinadas a recapitular-se todas as coisas*<sup>[25]</sup>. O trabalho profissional é, concretamente, *meio imprescindível para o progresso*

*da sociedade e para o ordenamento cada vez mais justo das relações entre os homens*<sup>[26]</sup>.

Cada um deve se propor a tarefa de cristianizar a sociedade com o de seu trabalho: primeiro mediante o afã de aproximar de Deus os seus colegas e as pessoas com as quais entra em contato profissional, para que eles também cheguem a santificar seu trabalho e dar o tom cristão à sociedade; e depois, e inseparavelmente, mediante o empenho por cristianizar as estruturas do próprio ambiente profissional, procurando que sejam conformes à lei moral. Quem se dedica à empresa, à profissão farmacêutica, à advocacia, à informação ou à publicidade..., deve procurar influir cristãmente em seu ambiente: nas relações e nas instituições profissionais. Não é suficiente *não se sujar* com práticas imorais; é necessário *limpar* o

próprio âmbito profissional, fazê-lo conforme à dignidade humana e cristã.

Para tudo isso ***devemos receber uma tal formação que suscite em nossas almas, na hora de acometer o trabalho profissional de cada um, o instinto e a sã inquietação de conformar essa tarefa às exigências da consciência cristã, aos imperativos divinos que devem reger na sociedade e nas atividades dos homens***<sup>[27]</sup>.

As possibilidades de contribuir à cristianização da sociedade em virtude do trabalho profissional vão mais adiante do que se pode realizar no estrito ambiente de trabalho. A condição de cidadão que exerce uma profissão na sociedade é um título para empreender ou colaborar com iniciativas diversas, juntamente com outros cidadãos que compartilham os

mesmos ideais: iniciativas educativas da juventude – escolas onde se dê uma formação humana e cristã, tão necessárias e urgentes em nosso tempo –, iniciativas assistenciais, associações para promover o respeito à vida, ou a verdade na informação, ou o direito a um ambiente moral sadio... Tudo realizado com a mentalidade profissional dos filhos de Deus chamados a santificar-se no meio do mundo.

*Que entreguemos plenamente nossas vidas ao Senhor Deus Nosso, trabalhando com perfeição, cada um em sua tarefa profissional e em seu estado, sem esquecer que devemos ter uma só aspiração, em todas nossas obras: pôr Cristo no cume de todas as atividades dos homens*<sup>[28]</sup>.

<sup>[1]</sup> Cfr. João Paulo II, Exort. apost. *Ecclesia in Europa*, 28-VI-2003, c. I.

<sup>[2]</sup> São Josemaria, *Carta 30-IV-1946*, n. 19, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 420.

<sup>[3]</sup> Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 31.

<sup>[4]</sup> São Josemaria, *Carta 9-I-1959*, n. 19, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010.

<sup>[5]</sup> Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 31.

<sup>[6]</sup> São Josemaria, *Entrevistas com Mons. Escrivá*, n. 112.

<sup>[7]</sup> São Josemaria, *Forja*, n. 439.

<sup>[8]</sup> *Jo 12, 32.*

[<sup>9</sup>] São Josemaria, Notas de uma meditação, 27-X-1963, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, pp. 426-427:

[<sup>10</sup>] Cfr. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 353, 1929, 1930.

[<sup>11</sup>] Conc. Vaticano II, Const. past. *Gaudium et spes*, n. 24.

[<sup>12</sup>] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1869.

[<sup>13</sup>] São Josemaria, *Sulco*, n. 302.

[<sup>14</sup>] Cfr. Conc. vaticano II, Decr. *Dignitatis humanae*, nn. 1, 2 e 7.

[<sup>15</sup>] São Josemaria, *Forja*, n. 718.

[<sup>16</sup>] Conc. Vaticano II, Const. dogm. *Lumen gentium*, n. 36.

[<sup>17</sup>] São Josemaria, *Carta 9-I-1959*, n. 22, em E. Burkhart, J. López, *Vida*

*cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 418.

[<sup>18</sup>] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 125.

[<sup>19</sup>] Cfr. *2 Cor* 2, 15.

[<sup>20</sup>] Paulo VI, Exort. apost. *Evangelii nuntiandi*, 8-XII-1975, n. 18.

[<sup>21</sup>] São Josemaria, *Caminho*, n. 755.

[<sup>22</sup>] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 183.

[<sup>23</sup>] João Paulo II, Carta enc. *Centesimus annus*, 1-V-1991, n. 38.

[<sup>24</sup>] São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 125.

[<sup>25</sup>] São Josemaria, *Carta 6-V-1945*, n. 14, em E. Burkhardt, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 425.

<sup>[26]</sup> São Josemaria, *Entrevistas com Mons. Escrivá*, n. 10.

<sup>[27]</sup> São Josemaria, *Carta 6-V-1945*, n. 15, em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, III, Rialp, Madrid 2013, p. 574.

<sup>[28]</sup> São Josemaria, *Carta 15-X-1948*, n. 41 em E. Burkhart, J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, I, Rialp, Madrid 2010, p. 428. Cfr Forja, n. 678.

---

pdf | Documento gerado  
automaticamente de <https://opusdei.org/pt-br/article/santificacao-do-trabalho-e-cristianizacao-da-sociedade/> (16/02/2026)